

ESPOSENDE

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGÁ

FUNDADOR: José da Silva Vieira
 PROPRIETÁRIO: António M. Santos da Cunha
 ADMINISTRADOR: António J. Lima Júnior

DIRECTOR: Padre José Pires Afonso
 EDITOR: José Augusto Borges de Azevedo
 Composto e Impresso: TIP. CASA DOS RAPAZES—VIANA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 RUA 1.º DE DEZEMBRO
 ESPOSENDE

ESPOSENDE E A POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Pelo Eng. João Maria de Oliveira Martins

III

SE as possibilidades de desenvolvimento das regiões variassem na mesma razão que as áreas por elas limitadas, muito poucas esperanças poderíamos ter no nosso concelho. Dos 273 concelhos do Continente, apenas 31 são mais pequenos que o nosso, havendo, incluídos nestes, os de características nitidamente urbanas. Circunscrevendo-nos à região em estudo, o panorama não se modifica; com efeito, os 9.332 hectares de superfície do concelho de Esposende colocam-no na cauda dos 41 concelhos que se tomaram para comparação. Nos Distritos de Braga e Viana do Castelo apenas um — Amares — é mais pequeno; dos restantes, o Porto praticamente circunscrito à cidade, a Póvoa, Valongo, Maia, Matosinhos e Paços de Ferreira ainda nos são inferiores.

A simples enumeração exposta, revela imediatamente, que a influência da área territorial não tem o valor que à primeira vista se poderá supor.

A Póvoa de Varzim é hoje, sob o ponto de vista turístico, um polo de interesse considerável e sob o ponto de vista económico tem razoável expressão — pesca e algumas indústrias com ela relacionadas.

Quanto a Matosinhos, o facto de na sua área se situar um porto como Leixões, tem como consequência a localização de uma série de actividades económicas de valor excepcional; Leixões é hoje o primeiro porto sardineiro do mundo, e ali bem perto a indústria de conservas encontra talvez a sua máxima expressão; a indústria dos combustíveis vai lá localizar uma unidade de alto interesse económico, e não são raras as indústrias que procuram a sua localização perto daquele magnífico porto. Tudo isto num concelho de 6.276 hectares, o mais pequeno (fora o Porto) dos 41 concelhos em questão.

Pode mesmo pôr-se o problema de saber, se numa região como o Entre-Douro e Minho, não serão as maiores áreas origem de maiores preocupações, uma vez que os serviços básicos de bem estar rural — água potável, luz, comunicações, assis-

tência médica, etc. — pesam extraordinariamente no conjunto de empreendimentos a realizar. Pense-se, por exemplo, no caso de Barcelos. Como facilmente se reconhece, os investimentos naqueles serviços básicos são sempre relativamente avultados e de fraco valor reprodutivo, avaliado este em termos de rendimento de capital.

Assim a nossa pequena extensão territorial não deve ser justificação preconcebida para os atrasos que porventura possamos evidenciar.

Concelho pequeno e pobre, foi sempre a definição de Esposende. Realmente não se

(Continua na página 4)

Antecedentes da Morte do TEN.-CORONEL JAIME DA FONSECA

O crime de Beja, na noite de Ano Novo, não se apagou ainda da memória de ninguém, não só porque a data é recente, mas, também, porque a sua gravidade e o seu significado político o mantêm, longamente, na nossa memória de portugueses, sempre preocupados com a grandeza da Pátria e o bem de seus filhos. Parece-nos oportuno exarar nestas colunas as considerações publicadas no combativo semanário de Lisboa — AGORA — com o título acima, por as julgarmos elucidativas para os nossos leitores:

«Eis os antecedentes próximos da morte deste valente português e membro do Governo:

1.º — A revolução das «cordas», em 11 de Março de 1959, revolução esta que, segundo constou, tinha em vista dependurar, com as ditas cordas, vários elementos não só da nossa vida política como também social, e especialmente ministros, incluindo (ao que constou) o então, e

Assembleia Nacional

Na sessão da passada quarta-feira, o deputado bracarense Comendador António Maria Santos da Cunha teve na Assembleia Nacional nova e oportuna intervenção. Abordou a necessidade imperiosa de velar com seriedades pelos núcleos portugueses espalhados pelo Mundo e tanto eles são, de modo a que eles possam ser «os grandes agentes da nossa verdade». A propósito citou o caso dos 25 mil portugueses que trabalham em França, dos quais disse: «Só a Missão Católica Portuguesa, desajudada do Estado, se tem preocupado com os portugueses humildes que ali abundam».

RUMO AO FUTURO

(Continuação do número anterior)

— Na sua capacidade para assegurar às pessoas que exercem uma actividade na agricultura um rendimento capaz de lhes garantir um nível de vida que, confrontando com a situação geral dos que trabalham noutros sectores, se pos-

sa considerar aceitável — o que pressupõe a estruturação e a organização da lavoura em bases que lhe permitem alcançar, sem artificialismos lesivos da concorrência internacional que inevitavelmente virá a tornar-se livre, a prática de preços remuneradores de todos os factores de produção.

5 — Ora bem. Basta um brevíssimo apontamento — nem uma análise mais demorada se comportaria na moldura geral do quadro que hoje pretendo esboçar aqui — para se poder concluir que a agricultura portuguesa é pouco eficaz porque não consegue corresponder satisfatoriamente a nenhum dos imperativos atrás enunciados.

— É na verdade conhecida a necessidade em que o País se vê de gastar anualmente muitas centenas de milho de contos na importação de trigo, bem como de carne e outros produtos de origem animal; todos sabem também como é tradicionalmente mal abastecido, sob o ponto de vista quantitativo, qualitativo e de preço, um País como o nosso que reconhecidamente tem boas condições para a produção de fruta de superior qualidade; não são desconhecidas as dificuldades em que nos vemos constantemente quer para satisfazer o reduzido consumo de leite de uma população pouco exigente em matérias de qualidade, quer para entregar à indústria muitíssimo menos do que reclama a capacidade de laboração das unidades existentes; e é infelizmente um facto que além dos vinhos e, sobretudo, dos produtos de origem florestal, pesam muito pouco, e com muita inconsistência, na coluna das nossas exportações, as restantes produções agrícolas.

(Continua na página 3)

NOTA PASTORAL DO Episcopado Português

No Seminário Patriarcal dos Olivais, em Lisboa, terminou há dias, a reunião anual do venerando Episcopado do Continente e das Ilhas Adjacentes sob a presidência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca, e na qual foram, como de costume, tratados diversos assuntos de interesse para a Igreja em Portugal.

Nesta hora grave da vida Nacional, os nossos Prelados resolveram dirigir a sua autorizada palavra aos portugueses e, por isso, no final da sua reunião plenária, forneceram à imprensa uma — Nota Pastoral — muito oportuna pelos seus autorizados ensinamentos. Os pontos principais focados no importante documento são os seguintes: o luto da Pátria pela perda de Goa; a obrigação de obedecer à autoridade pública; colaboração de todos os portugueses no progresso do País; o problema da educação da juventude; a criação de um Instituto Superior Católico; o ensino cristão elementar e secundário; exortação final.

Atendendo aos interesses que os nossos leitores terão em conhecer esta oportuníssima exortação pastoral, vamos publicá-la integralmente, iniciando neste número a sua transcrição.

1 — Nesta hora de paixão para a Pátria, o Episcopado Português não pode deixar de sofrer com ela. As dores da Pátria — e a perda de Goa foi como se roubassem do seu tesouro a joia mais preciosa, alguma coisa como a perda de Os Lusíadas — as dores da Pátria, sejam de expiação ou de redenção, hão-de-ser sofridas no coração de seus filhos. São sempre juízos de Deus os acontecimentos da história, e o cristão sabe tirar deles lição para «endireitar os caminhos» do Senhor, isto é, ser fiel ao dever presente. A dor será desespero para o pagão; para o cristão deverá ser purificação, renovação vida nova na fé e na esperança.

Não terminou a missão histórica de Portugal. Portugal continua. Desta paixão deve ele levantar-se confiante do seu destino, no concerto das nações; e erguer-se, fazendo exame de consciência, mais puro, mais justo, mais fraterno, mais belo.

2 — Nesta hora grave e dolorosa da história de Portugal, em que tão necessária é a paz cívica e a união de esforços, o Episcopado julga oportuno recordar a doutrina católica que obriga em consciência a todos os cidadãos, já mencionada na nota pastoral de 10 de Janeiro de 1959: «A consciência entende ser dever de justiça... obedecer, constante e lealmente, à autoridade pública, não

(Continua na página 4)

Exploração das barcas de passagem do Rio Cávado, no lugar de Gemeses de Cima

Pelo Ministro do Interior foi sancionada a decisão da Câmara Municipal de Esposende, que concedeu o exclusivo da exploração das barcas de passagem do Rio Cávado, no lugar de Gemeses de Cima, para o cais de Rio Tinto. Este exclusivo é concedido por um prazo de cinco anos.

(Continua na página 4)

PELA VILA

Vida Desportiva ANIVERSÁRIOS

Campeonato Regional da 2.ª Divisão da A. F. de Braga

FÃO 1 CAMPELOS 0

Jogo realizado em Fão no campo Artur Sobral.

Fão alinhou com: Lauro, Quintino e Eduardo; Santos, Carlos e José; Miro, Monte, Tito, Valdemar e Júlio.

Árbitro: Torres e Rocha, auxiliado por José Lourenço e Aventino Ferreira.

Este primeiro jogo realizado pela equipa de Fão perante o seu público deixou muito a desejar, tendo em conta a exibição de domingo em Vizela.

Decorreu com monotonia e em fraco nível técnico-táctico pelo que o resultado se ajusta ao desenrolar do jogo.

O jogo teve início às 15,10 e saiu o Campelos que desde logo evidenciou melhor conjunto e sentido de jogo, enquanto os locais denunciaram baixo rendimento para contrapor ao adversário.

Na equipa de Campelos faltou o remate o que beneficiou a má actuação dos avançados fagueiros em tarde bastante apagada. A defesa local actuando com acerto salvou situações de perigo que não foram aproveitadas devido também à atenção de Lauro.

A 1.ª parte decorreu sem entusiasmo de parte a parte até aos 25 minutos de jogo em que Valdemar disparou potente remate do esquerdo que ia surpreendendo o guarda adversário. Este que esteve feliz em todo o encontro executou espectacular defesa deixando o conteúdo fugir a bola. A defesa de Campelos atenta deste o perigo.

Perdida esta oportunidade pelos fagueiros o jogo reanimou com jogadas a meio campo e o Fão a tentar encontrar melhor fio de jogo. Não o conseguiu e aos 35 minutos o interior-esquerdo do Campelos atirou um remate por alto que ia surpreendendo Lauro que não segurou a bola. Apertado por dois adversários ainda conseguiu segurar a bola desfazendo assim o perigo.

Na 2.ª parte os locais entraram com mais «garra» dando a ideia de nova feição de jogo. Assim, aos 9 minutos, Júlio e depois de bater em corrida o defesa do seu lado rematou, a bola embateu num adversário e foi anichar ao fundo da baliza. Estava feito o 1.º golo da partida.

Fão em vencedor esboçou novas tentativas e obrigou o guarda

adversário a felizes intervenções e pondo em apuros a defesa do Campelos, que resistiu a esses ataques.

Ao atingir-se os 30 minutos da 2.ª parte o Campelos teve nítida superioridade, o que lhe valeu alguns livres de canto. Perto do fim, ou seja, aos 40 minutos, quando Tito seguia isolado para a baliza foi agarrado por um adversário. Marcado o livre, junto à grande área do Campelos, este não surtiu efeito. Atingiu-se o fim da partida com o resultado de 1-0 favorável ao Fão, aliás merecedor por ser a equipa de melhores oportunidades e mais perigosa.

A arbitragem satisfaz. Na equipa de Fão salientamos: Eduardo, Santos, Carlos e Tito.

Outros resultados:

VILAVERDENSE 1—VIZELA 3
PRADO 4—AMARES 0

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F	C	P
Vizela	2	2	—	6	3	6	
Prado	2	1	—	1	5	3	4
Fão	2	1	—	1	3	3	4
Campelos	2	1	—	1	3	2	4
Tadim	1	1	—	—	4	2	3
Vilaverden.	2	—	—	2	3	7	2
Amares	1	—	—	1	0	4	1

Domingo o Campeonato prossegue com os seguintes jogos e correspondentes à 3.ª jornada:

VIZELA — TADIM
AMARES — FÃO
CAMPELOS — VILAVERDENSE

Auguramos melhor exibição aos fagueiros e um bom resultado nesta deslocação a Amares.

Campeonato Nacional da III Divisão

Na primeira jornada deste Campeonato os três representantes da Associação de Futebol de Braga tiveram actuação de relevo, pois o Famalicão e o Monção jogando em casa venceram folgadamente os seus adversários e o Gil Vicente conseguiu um precioso empate em Chaves, onde o grupo local dificilmente se deixará bater, pois a rapidez da prova não permite desperdício de pontos.

Eis os resultados desta primeira jornada:

Famalicão 5—Bairro Latino 0
Monção 5—Mirandela 1
Chaves 0—Gil Vicente 0
Bragança 2—Freamunde 3

A jornada a realizar amanhã engloba estes encontros:

Gil Vicente—Famalicão
Bairro Latino—Monção
Freamunde—Chaves
Mirandela—Bragança

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F	C	P
Famalicão	1	1	—	—	5	0	2
Monção	1	1	—	—	5	1	2
Freamunde	1	1	—	—	3	2	2
Gil Vicente	1	—	1	—	0	0	1
Chaves	1	—	1	—	0	0	1
Bragança	1	—	—	1	2	3	0
Mirandela	1	—	—	1	1	5	0
Bairro Latino	1	—	—	1	0	5	0

Visado pela
Comissão de Censura

Reunião Ordinária da Câmara M. de 23 de Janeiro de 1962

VEREADORES:

CORRESPONDÊNCIA:

1.º—Do Engenheiro Director de Urbanização do Distrito de Braga.

Comunica que foi concedida a esta Câmara a comparticipação de 53.000\$00 para a obra de «Alargamento e rectificação de parte da Avenida Marginal de Esposende — 8.ª Fase».

INTEIRADA

2.º—Do Director-Geral do Ensino Primário.

Comunica que o recenseamento escolar no núcleo da Igreja, da freguesia de Apúlia é de 269 crianças, pelo que se justifica a existência de 8 salas, havendo apenas 2 salas de Plano dos Centenários, além de 1 sala da Casa do Povo, de fracas condições higiénico-pedagógicas e certamente cedida a título precário. Assim, é proposto o seguinte: a) — a ampliação para 8 salas, se viável, do edifício existente; b) — a ampliação para 4 salas, que será com certeza, mais facilmente realizável, e construção de outro edifício de 4 salas.

PARA ESTUDO

3.º—Do Presidente da Junta de Freguesia de Fão.

Pede para que seja feita a vistoria a um prédio que se encontra entre as ruas de Goa e de Amorim de Campos, naquela freguesia, habitado por várias pessoas e que se encontra em estado de ruína iminente e oferecendo perigo para a saúde pública, a fim do mesmo ser demolido.

Proceda-se à vistoria, sendo nomeados peritos o Ex.º Subdelegado de Saúde, Eng.º Consultor Técnico e construtor civil António Fernandes Ribeiro.

4.º—Do Provedor do Hospital de S. João, da cidade do Porto.

Envia a conta dos doentes internados naquele hospital sob a responsabilidade da Câmara, durante o 3.º trimestre do ano findo, na importância de 2.280\$90 e pede o seu pagamento.

PAGUE-SE

5.º—Do Chefe de Secção do Fundo de Turismo.

Comunica que foi concedida a autorização por aquele Fundo de um subsídio de 42.500\$00 para a aquisição de dois barcos de recreio.

INTEIRADA:

A Câmara deliberou dirigir a Sua Excelência o Ministro de Estado, mui ilustre filho desta terra, o agradecimento muito sincero pela concessão deste subsídio de grande interesse para o necessário desenvolvimento de Turismo concelhio.

FORAM DEFERIDOS OS SEGUINTE REQUERIMENTOS:

—De Lemos Ferreira & C.ª Limitada, de Esposende.

—De Manuel de Faria Pires, da freguesia de Belinho.

—De Olivia R. Meira, da freguesia de Antas.

—De Manuel de Azevedo Arantes, da freguesia de Fonteboua.

—De Bernardino da Cruz Lima, da freguesia de Forjães.

—De Florinda de Oliveira e Sousa, da freguesia de Apúlia.

—De Joaquim Dias Carqueijó, da freguesia de Marinhãs.

—De Joaquim Gonçalves Couto, da freguesia de Marinhãs.

—De Fernando Gomes de Passos Faria, da freguesia de Palmeira.

—De Manuel de Passos Gonçalves Calheiros, da freguesia de Marinhãs.

—De Isolino Fernandes Loureiro, de Esposende.

—De António Gonçalves Viana, da freguesia de Fonteboua.

—De Tito da Silva Evangelista, da cidade do Porto.

—De Augusto Gonçalves Marques de Esposende.

PROCESSOS DE INTER-NAMENTO DE DOENTES:

Foram presentes os processos de internamento dos doentes: Manuel Gonçalves Rolo (Filho), Cândida Gonçalves e Maria da Graça Dias, todos da freguesia de Antas; Maria Alcinda Deveza Queiroga, da freguesia de Apúlia; Engrácia Pereira Martins, da freguesia de Curvos; José Atonso Vilas Boas Neto, de Esposende; Maria da Piedade da Silva Lemos, Carlota Barbosa Rodrigues, ambos da freguesia de Fão; António Cerqueira Cepa e Belmira Laranjeira Capitão, ambos da freguesia de Mar; Maria Guilhermina de Barros Lima, Maria Doroteia Pires da Silva, Júlio Carneiro Regado e Deolinda da Costa Carvalho, todos da freguesia de Marinhãs; e Maria Arlinda Pires da Torre, da freguesia de Vila Chã. Têm junto parecer da Comissão Municipal de Assistência, segundo a qual todos os doentes devem ser inscritos no escalão A.

DEFERIDOS

DECLARAÇÕES DE PAGAMENTO A EMPREITEIROS:

Foi presente uma declaração de pagamento ao empreiteiro António Machado Solinho, da importância de 3.700\$00, relativa à obra de: «Restauro e adaptação do Quartel da Guarda Nacional Republicana em Esposende»: Foi ainda presente outra declaração a favor do empreiteiro António Fernandes Ribeiro, de Marinhãs, da importância de 8.020\$90, relativa à obra «Arranjo do Largo Rodrigues Sampaio».

PAGUEM-SE

REPARAÇÃO E BENEFICIAÇÃO DO EDIFÍCIO DA CADEIA:

Foi presente uma proposta de Cândido Alves Miquelino, desta vila, da importância de 2.500\$00, pela qual se compromete a executar diversos trabalhos de reparação e beneficiação do edifício da cadeia, desta vila.

Partidas e chegadas

Cumprimentamos nesta vila o nosso ilustre amigo e colaborador, sr. Eng.º João Maria de Oliveira, Martins, Secretário do Ministro das Comunicações.

Farmácias de Serviço

Serviço permanente
DOMINGO

Farmácia Gomes

SERVIÇO NOCTURNO

HOJE, 2.ª, 4.ª e 6.ª-FEIRA

Farmácia Monteiro

3.ª e 5.ª-FEIRA

Farmácia Gomes

LAMPREIAS

Apareceram as primeiras lampreias, fígadas na ponte de Fão. O preço não foi astronómico, pois andou entre 40\$00 e 50\$00!

PELO CONCELHO Ten.-Coronel Jaime da Fonseca

PALMEIRA

Para a Argentina — Partiram, há dias, desta freguesia, com destino à Argentina, os srs. Aurélio Torres de Lima e Sebastião Couto dos Santos e a sr.^a Laurentina Fernandes Pereira.

Com o mesmo destino tinha partido, algum tempo antes, o Sr. Porfírio da Costa Cruz. A todos estes conterrâneos e amigos, que vão aumentar a colónia de Palmeira na fértil terra argentina, desejamos boa viagem e as maiores prosperidades.

S. Sebastião — No passado domingo, realizou-se um sermão em honra do mártir S. Sebastião, a expensas de alguns rapazes que, no ano findo, ficaram isentos do serviço militar. Foi orador o Sr. Prior de Fão.

Festa de S. António — O rendimento do Cortejo em benefício da festa de S. António, agora totalmente apurado, foi de 4.230\$70. Parabéns a quantos concorreram para tão satisfatório resultado.

MARINHAS

Aniversário — No domingo, dia 28, faz anos a sr.^a D. Teresa Dias de Sá Machado, professora muito estimada nesta freguesia.

Casamento — Na igreja paroquial, no passado dia 20 celebrou-se o casamento da sr.^a Alice Abreu Capitão, filha da sr.^a Maria Martins de Abreu e do sr. António Martins Capitão com o sr. Manuel Viana Peixoto, filho do sr. Valentim Peixoto e da sr.^a Arminda Pires Viana.

Baptizado — No dia 23, baptizou-se um filhinho de Joaquim Rego e Maria de Lourdes Brás, tendo recebido o nome de Filipe Manuel e sendo padrinhos Manuel Gonçalves Chaves e Maria da Glória Brás.

Para Argentina — Partiu o sr. Manuel Capitão de Abreu.

Felicidades e boa viagem.

CURVOS

A substituir o pároco de Curvos — A substituir pelo prazo de 15 dias o rev.^o Manuel J. Martins Neiva Soares, encontra-se aqui, já há dias o seu irmão rev.^o Franklim Martins Neiva Soares, tendo aquele sacerdote partido para as Caxinas (Vila do Conde) a fim de, permutando-se desempenhar naquela freguesia ribeirinha as mesmas funções.

Visitante ilustre — De visita à família, esteve ultimamente em Curvos, o maestro rev.^o Alberto Brás, professor da Escola Comercial e Industrial, de Braga.

Já restabelecido — Encontra-se completamente restabelecido da doença que o reteve no leito durante alguns dias, o prestigioso regedor de Curvos, sr. José Fernandes Pereira.

Falecimento — No Hospital «Valentim Ribeiro», de Esposende, faleceu em 24 do corrente, o trabalhador rural Alberto Gomes da Silva, de 45 anos, solteiro, tendo-se o seu funeral realizado no dia 26, da casa de sua família para o cemitério paroquial de Curvos. Paz à sua alma.

Plano de Formação Social e Corporativa

Comissão Distrital de Braga

Prémios Escolares a distribuir pela Comissão Distrital de Braga da Junta da Acção Social

A Comissão Distrital de Braga da Junta de Acção Social incluiu, no seu Programa de Actividades para 1962, um capítulo dedicado a Prémios Escolares a distribuir nos seguintes casos e em estrita colaboração com os estabelecimentos de ensino respectivos:

1) — Para o melhor trabalho escolar inédito versando temas Sociais ou Corporativos;

— um período de férias pago num dos Centros de Férias da Mocidade Portuguesa ou nas Colónias de Férias da F. N. A. T.

Este prémio pode ser substituído, se assim o pretender o premiado, pela oferta de livros até ao valor de 400\$00.

Os trabalhos dos alunos concorrentes a este prémio devem ser presentes, por intermédio do Reitor ou do Director do Estabelecimento de Ensino, ao Presidente da Comissão Distrital da Junta de Acção Social, até ao dia 10 de Junho de 1962.

A classificação dos trabalhos é feita por um júri a designar pelo Presidente da Comissão Distrital da Junta da Acção Social.

2) — Para os alunos melhor classificados nas disciplinas de Organização Política e Administrativa da Nação (Liceus e Escolas do Magistério Primário) e Forma-

(Continuação da página 1)

ligeira pena em que foram condenados os seus camaradas, passou (ou continuou) a prestar serviço no Ministério da Defesa Nacional, sendo então Ministro o general Botelho Moniz (ao que consta, um dos visados com as «cordas»)!

4.º — Após a última remodelação ministerial, continuou o referido capitão a prestar serviço no Ministério da Defesa Nacional, apesar de essa pasta ter passado para o principal visado pela tal revolução das cordas!!!

5.º — E lá continuou — quando tantos tiveram de ir bater-se no Ultramar, onde a vida corria grave risco. E na última campanha eleitoral, esse capitão requereu autorização para se candidatar contra o Governo — numa campanha que, clara e necessariamente diminuiria as próprias condições da defesa militar do nosso Ultramar, e em que, por essa única razão, tantos meramente civis da oposição julgaram seu dever de patriotas absterem-se; pois o novo Ministro da Defesa Nacional autorizou esse capitão a candidatar-se pela oposição!!!

6.º — Nos comícios eleitorais, em Torres Vedras e em Lisboa, insultou o Exército e o Governo, como nenhum outro candidato, e sem poupar o seu próprio Ministro da Defesa! — de tal forma «aqueceu» a assistência... que dela partiram gritos de «há muitos candeeiros...»!!!

7.º — Finda a campanha eleitoral, não foi logo metido na prisão até ser militarmente julgado e abatido do Exército por virtude das injúrias que lhe havia dirigido; nada disso: continuou a ser

çã o Corporativa (Escolas Técnicas).

1.º — Prémio para o aluno classificado com melhor média no ano lectivo de 1962 — dois livros sobre temas Sociais e Corporativos.

2.º — Prémio para o aluno classificado imediatamente a seguir ao primeiro — um livro sobre temas Sociais e Corporativos.

Quanto aos prémios a que se refere esta alínea, a proposta dos alunos a premiar deve ser feita pelo Reitor ou Director do Estabelecimento de Ensino ao Presidente da Comissão Distrital de Braga da Junta de Acção Social.

Os estudantes interessados no concurso a que se refere a alínea 1), devem pedir esclarecimentos no Estabelecimento de Ensino que frequentam.

oficial do nosso Exército, e apenas transitou do Ministério da Defesa Nacional para o Ministério do Exército!

8.º — Esperava-se que fosse dar «espectáculo» para qualquer embaixada; mas preferiu dar este que deu agora, no único propósito de desprestigiar a nossa Pátria, neste momento grave da vida nacional: não nos surpreendeu!

Como disse há pouco Salazar, a propósito da política externa americana, também, às vezes, é mais fácil entender problemas de matemáticas superiores do que certas transigências da nossa política interna. E a dúvida está em que, mesmo com a morte deste valente português e membro do Governo, os nossos Ministros e outros responsáveis se disponham a abrir os olhos e a actuar de conformidade com as realidades.

Ficamos a aguardar... a notícia da fuga dos que agora foram presos — ou um julgamento em que os réus voltem a ser apresentados como pessoas de altas virtudes e merecimentos, militares e cívicos (tal como da outra vez, apesar da eloquência das «cordas»!!! Ainda bem que já foi permitido à mulher do capitão Varela Gomes estar à cabeceira do seu marido, segundo notícias dos jornais; a que foi mulher do tenente-coronel Jaime da Fonseca... essa esteve ao pé do caixão do que havia sido seu marido, ali morto pela actuação montada e executada pelo outro.

Batemo-nos na Índia contra Nehru e em Angola contra os terroristas — e permitimos que os «nehrus» e os «terroristas» de cá... se batam contra a Pátria e contra a vida nacional na própria Metrópole!!! Sim, por que tanto esta revolução como a anterior (e o Manuel Serra também voltou a aparecer nesta...), foram preparadas pelo partido comunista, com dinheiro russo, evidentemente para que a nossa Pátria venha a ficar debaixo de seu terrível jugo! — e, abatida a Metrópole, tudo o mais cairia logo por acréscimo. Ainda não é tarde demais, se abirmos os olhos ao que se passa nas nossas Faculdades e mesmo já dentro dos Ministérios e se a maior parte da nossa burguesia e alguns católicos não continuarem de olhinhos fechados perante a ameaça e o perigo comunista, e a acusar-nos de que os exageramos.

Não está em jogo a situação — mas sim a Pátria! — e neste momento há que a defender de forma muito especial! A defesa da situação compete a uns; mas a da Pátria — a todos!

M. F.



Traços de Luz...

“Ele, porém, dormia!”

(Ev. de S. Mateus, 8-25)

(Do EVANGELHO do 4.º Domingo da Epifania)

Enquanto as ondas se levantam alterosas de encontro à frágil barcaça, que ameaça desfazer-se em espuma, Jesus dormia.

Vinham as águas arrojarem-se por sobre os músculos cansados dos pescadores — Apóstolos, e Ele dormia.

Baloiçava perdido, aos olhares indiferentes da lua, o barco de Tiberíades — mas o Salvador não acordava.

Num arranque sinistro do mar, os pescadores chocam-se uns com os outros, aturdidos e encharcados de suor com sal, escorrendo pelas faces... um grito espontâneo sai do meio da balorada das águas — «salvai-nos, Senhor, que perecemos». E o primeiro que consegue levantar-se, chapinhando nas águas, tateia na escuridão a figura do Mestre, quando se ouve do fundo da barco: «Porque temeis homens de pouca fé?!»

«Imperou aos ventos e ao mar, e tudo serenou...»

Enquanto no mundo se levantam vozes esganiçadas, espumando ódio e violência, contra os pequenos, não porque são pequenos mas sim por defesa duma ideologia contrária, parece que Deus «ignora» a opressão e o aniquilamento, deixando que os prepotentes saiem abusivamente a sua ferocidade.

Pavoneando-se de merecimentos que não possuem, tantos causticam, com sarcasmo e desprezo, a honestidade que lhes incomoda a vida dissoluta que arrastam. E dão a impressão de que só para isso vivem, que a ninguém terão de prestar contas de tantos abusos, de tanta mentira. Desenfreadamente atirados para os braços do gozo e da riqueza luxuriosa, enfurecidos contra tudo o que lhes possa negar tal desbragamento, vivem sófregamente o dia que passa.

Embrutecidos em tal cegueira, parece-lhes que «Deus dorme».

A tantos que sofrem, que se vêem esmagados por este mundo entontecido, pode também parecer que Deus os não conhece, que até os ignora, e gritam allitivamente: **Salvai-nos, que perecemos!**

— Não temais, homens de pouca fé!

Todos os ventos contrários hão-de perder o seu furor, a onda do mal que avassala o mundo deixará de submergir os continentes das almas, porque apesar de tudo, Deus não dorme.

Espera-os o momento de salvar os oprimidos e fazer abrir os olhos a tantos cegos que não querem olhar de frente a Luz da Verdade.

NATAL! NATAL! Nota Pastoral do Episcopado Português

III

NO último número, logo de início, formulamos esta interrogação: mas quem é Jesus Cristo? E como o artigo ia longo, e ninguém tem o direito de cansar o leitor, deixamos para este, o complemento que faltou àquele. Então quem é Jesus Cristo? Dizemos com o catecismo: é o Filho de Deus feito Homem, Deus e Homem verdadeiro. E agora surge-nos esta pergunta, e porque e para que se fez Homem? Todos respondemos: por causa da queda original. E se não fosse a queda Ele incarnaria? Aqui dividem-se as opiniões dos grandes teólogos. Alberto Magno, Scott e Suarez crêem que sim. Pois a expansão do supremo bem, a manifestação das perfeições divinas, a perfeição das obras de Deus obtidas pela união da natureza Divina e da natureza humana na pessoa de Jesus Cristo, tudo isso independente da queda, podia acontecer. S. Tomaz de Aquino nesse caso é de opinião que a Encarnação poderia dar-se, mas atendendo, como ele diz, ao plano real e actual deste mistério, o Verbo de Deus não encarnaria se a Humanidade não caísse.

Naquela hipótese o Filho de Deus não se teria revestido duma carne mortal, mas duma carne impassível. Teria vindo, não para reparar uma queda mas para se abraçar, numa expansão de amor, com os filhos dos homens.

Mas incarnou e veio para reparar a ofensa. Ofensa que tomou as ratas do infinito, pois ela é sempre medida pelo grau da pessoa ofendida. Aqui, surge-nos esta pergunta: mas quem está à altura de reparar esta ofensa? Não a encontraremos entre os coros Angélicos, são criaturas... O homem? Pior, decaído, perdida a graça, não paga dívidas quem dinheiro não tem. Temos de concordar e admitir donde veio a criação só de lá pode vir a redenção. Mas como? Deus, o Criador, o ofendido há-de desagravar-se a Si mesmo? Compreende-se que entre o ofendido e o ofensor, entre o reparante e o reparado, haja um certo grau de inferioridade.

Eis o grande mistério, a encarnação do Verbo de Deus, o Cordeiro Imaculado, a segunda Pessoa da SS.^{ma} Trindade, que vem reparar a queda, restaurar as relações entre Deus e o homem. Mistério inefável! Mistério de Amor! Mas onde e como céus e terra, Deus e o homem fizeram as pazes? Humanamente falando, a SS.^{ma} Trindade em conselho resolve o caso. Mater Boni Consilii!! Mãe do Bom Con-

selho! Maria a escolhida! É no seu Coração que se vai dar a reconciliação. O Verbo de Deus incarnou no Seio Puríssimo de Nossa Senhora! Mistério insondável! Eis o Cordeiro para o sacrifício, sobre as palhinhas de Belém como Isaac sobre a lenha crematória. Mistério inefável que a inteligência não pode atingir, mas que um dia à luz da glória, algo compreenderá o que agora não lhe é possível.

Contudo ensaiemos alguns passos nuns vislumbres de alguma compreensão.

(Conclui no próximo número)

A. P.

fazer nada com espírito de sedição e observar religiosamente as leis do Estado.

É doutrina universal, promulgada solenemente por Leão XIII, na Encíclica «Imortale Dei», donde extrairmos as palavras acabadas de citar. Vale em todos os tempos e para todos os povos, onde a lei humana se não oponha à lei de Deus. É defesa, ao mesmo tempo, contra a anarquia e a tirania.

Mas vale especialmente neste momento em que o comunismo, com o qual nenhum católico pode colaborar, asseta contra a nossa Pátria todas as suas peças de assalto. O seu triunfo seria a negação total de Deus, a destruição da Igreja, a escravidão do homem.

3—A obra ingente que espera Portugal, ou seja o desenvolvimento económico, social, moral, religioso e missionário, exige a união e colaboração de todos os portugueses de boa vontade. Só pode realizar-se pelo trabalho constante e perseverante de todos e de cada um, segundo um ideal de verdade, justiça, amor e justa liberdade. A Pátria é o lugar onde

(Continuação da página 1)

a Providência nos colocou para a edificação comum deste «mundo melhor». Servi-la lealmente, por processos cristãos, é condição para cumprir a nossa missão no mundo. Não é desencarnando-nos do nosso meio natural, à maneira daqueles que dizem amar a humanidade, desprezando os homens, que poderemos cooperar no progresso e organização da sociedade nacional e internacional.

Cabem no coração do cristão todos os amores naturais do nosso crescimento humano: a família, a Pátria, a humanidade.

4—Grandiosa tarefa incumbe a Portugal nesta hora da criação dum mundo novo. A recente Encíclica «Mater et Magistra» traça-lhe, e a todos os povos, o programa essencial, que se resume nisto: edificação dum mundo cristão, isto é, um mundo em que os seus princípios informem os espíritos, as leis e as instituições.

Sem estes princípios, porque vêm de Deus, Criador e Redentor do mundo, não logrará nunca fundar-se a sociedade que respeite a natureza humana: sociedade fundada na verdade, na justiça, no direito, na liberdade, na paz.

É hora de convocar para este trabalho nacional, que a Providência nos confia (e se integra no trabalho universal de ascensão humana

e organização jurídica e moral do mundo), todos os portugueses, mas especialmente a Juventude, a qual traz em si as esperanças do futuro. A todos incumbe, cada um na sua esfera e segundo a sua capacidade, cooperar nesta tríplice obra: tornar Portugal mais rico, torná-lo mais humano, torná-lo mais cristão. Torná-lo mais rico, pela devoção ao trabalho e equitativa distribuição do seu rendimento para pôr a riqueza, não ao serviço de alguns apenas, mas de todos; torná-lo mais humano, não só pela promoção material de todos os portugueses, com lar, com família e com futuro dignamente assegurados, mas também com a correspondente elevação profissional, cultural e moral; torná-lo mais cristão, para o conhecimento do que somos, donde vimos, para onde vamos, para a fundamentação dos autênticos valores humanos, para o esforço na esperança, para a comunhão fraterna na amizade cívica, para a submissão na liberdade, para a compaixão eficaz em todo o sofrimento alheio, para o estabelecimento da paz pela reconciliação dos homens com Deus e dos homens e nações entre si, para a participação na obra redentora, para a realização do reino de Cristo, que é reino «de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz».

(Continua no próximo número)

RUMO AO FUTURO

(Continuação da página 1)

—Por outro lado é evidente que uma agricultura como a nossa, assente, na maior parte dos casos, em explorações mal dimensionadas sob o ponto de vista económico-agrário, tecnicamente mal equipadas, profissionalmente mal geridas e em que, portanto, o nível de produtividade dos factores terra, trabalho e capital é necessariamente baixo; uma agricultura que ainda por cima não se organizou por forma a transformar e comercializar os seus produtos libertando-se de uma teia de intermediários em larga medida dispensáveis; uma agricultura que, em suma, luta para sobreviver, mas parece não possuir uma noção clara de quais sejam as condições básicas de uma vida aceitável, passou a raciocinar apenas em função dos seus altos custos de produção e a reclamar dos poderes públicos constantes intervenções conjunturais, sem cuidar de saber se produz os géneros que o mercado reclama, em quantidade e qualidade vendáveis e a preços que possam suportar o confronto com aqueles por que o produto estrangeiro poderá, uma vez liberto de entraves, penetrar no País.

—Feitas as contas, a massa de pessoas que actualmente desempenham uma profissão na agricultura — cerca de 45 % da população activa do País — não consegue recolher do produtor nacional mais do que uma magra fatia que representa aproximadamente a quarta parte. E se considerarmos a forma por que a receita agrícola global é distribuída dentro do sector verificamos que no nível de rendimento da grande maioria dos nossos trabalhadores rurais é acen-

tuadamente baixo, impelindo-os para um êxodo agrícola que não pode considerar-se salutar na medida em que, privando a agricultura dos elementos mais válidos e não sendo acompanhado do correspondente esforço de mecanização, se traduz imediatamente numa falta de mão de obra para que a lavoura não estava preparada e numa acentuada elevação de salários que, nas actuais condições, há enorme dificuldade em suportar.

—Depois do esboço feito, mal seria necessário afirmar que a agricultura portuguesa não pode remunerar satisfatoriamente os capitais investidos na exploração agrícola.

O empresário que é, simultaneamente proprietário dos meios de produção, já nem se preocupa com essa remuneração, porque não contabiliza sequer o seu trabalho e o dos seus familiares. A única preocupação parece ser a de subsistir.

Põe-se em termos diferentes, o problema para o proprietário que, dominado juridicamente a terra, a não explora, e para o respectivo rendeiro: este esfalfa-se para remunerar o capital alheio, sacrificando normalmente a justa compensação do seu próprio trabalho; aquele realiza, através da renda, um juro, que, embora, contabilisticamente baixo, é função de uma situação de «fome de terra» que valorizou a propriedade rústica por forma tão chocantemente exagerada que à sombra protectora desse valor e da segurança que comporta tem florescido um nefasto capitalismo agrário — já não o daqueles que, embora absentistas, estão por tradição vinculados à propriedade da terra, mas o de outros que chegados à posse da riqueza a vão investir cómoda e lucrativamente na compra de prédios rústicos, dificultando o acesso dos agricultores à propriedade da terra e furtando a outros sectores capitais de que o País está tão carecido.

O quanto este capitalismo agrário, mantendo e agravando até o valor da terra, tem sido nocivo ao desenvolvimento da agricultura portuguesa é coisa que se apresentará como evidente a todos os que tenham alguma noção da imperiosa necessidade para uma actividade económica, de trabalhar com meios de produção baratos. E a terra é o factor de produção básico no sector da agricultura.

(Continua no próximo número)

Esposende

pode dizer que é grande e rico, mas os últimos tempos têm-se encarregado de demonstrar que nem uma coisa nem outra são impedimentos sérios ao progresso da terra.

Há, como num grande número de outras terras, um acentuado desequilíbrio económico-social, tendo como razão fundamental, a corrente emigratória que aqui se processa dada a manifesta ausência de meios de trabalho. Isto é que importaria contrariar dentro do princípio geral de procurar fixar o homem à terra onde nasceu e se desenvolveu.

Mas será este princípio universalmente, válido? Ou poderão certas circunstâncias de lugar e de tempo modificá-lo substancialmente? Pensando no problema do desenvolvimento Ultramarino, é-se tentado a monosprezar estes particularismos regionais e a dar ao deslocamento das pessoas para os nossos territórios africanos todas as facilidades e a máxima prioridade.

Seja como for, uma coisa é certa: o problema de fundo do cencilho, é-o também da região em que se integra. A sua resolução pressupõe uma estrita colaboração entre a iniciativa particular, o Município e o Estado; esta é uma condição necessária, mas que para ser suficiente exige o estabelecimento prévio de uma política geral de autêntico fomento do bem-estar rural e de um acelerado desenvolvimento regional que a todos beneficie.

Há fortes indícios de que não vem longe o tempo em que, quer uma coisa quer outra, entrarão no campo das realizações práticas. Por isso entendemos que a principal atitude de quem mais directamente res-

ponde pela terra, deve ser a de paciente e esclarecida expectativa.

Entretanto devem fazer-se os melhores esforços para encontrar compensações para o desequilíbrio que hoje se manifesta. O desenvolvimento turístico é uma solução feliz e que deve ser encorajada. Por isso, o Município se empenhou a sério nela, e dela se vão colhendo já alguns benefícios.

Todas estas considerações vieram a propósito dos escassos hectares de terra do nosso cencilho; mas muito mais se poderá pôr em relevo, sem que se torne necessário enveredar pelo caminho sempre fácil dos elogios ou das críticas pessoais; é fácil, porque basta tomar como termo de comparação determinadas ideias de progresso ou certos actos administrativos e classificar as pessoas a quem se atribuiu total responsabilidade, conforme as vão executando (sem querer saber se elas são ou não executáveis, se eles são sérios ou não).

Por isso continuaremos sempre neste tom, que se esforça por ser o mais isento possível, mas que não pode negar o aplauso ao que realmente de bom se tem feito em Esposende.

Tipografia Vieira

de A. Vieira

Trabalhos Gráficos em todos os géneros

Telef. 89238

R. Padre Alaio, 3

F A O

Representações CICOR

GAZCIDLA -- Material de queima com vendas até 24 prestações



Visite as nossas instalações

Telefone 89228 — ESPOSENDE